

ÍNDIO NÃO QUER BARULHO

Sepultura planeja gravar clipe em aldeia indígena do Mato Grosso

Tribo Xavante ainda não decidiu se permite gravação

Da Reportagem Local

Otávio Dias de Oliveira-26.abr.94/Folha Imagem

O Sepultura, quem diria, voltou às origens. Depois de expandir seu barulhento thrash-metal para os Estados Unidos e os países europeus, o grupo mineiro vai usar referências tupiniquins em seu próximo álbum, intitulado "Roots".

O disco, que está sendo gravado em Malibu (EUA), contará com a participação especial de ninguém menos que o cantor, compositor e percussionista baiano Carlinhos Brown.

Além disso, o Sepultura quer radicalizar no clipe de uma das faixas do novo álbum: a gravação deve ser na aldeia dos índios Xavante, no Mato Grosso.

A idéia está encontrando resistência por parte dos índios, que fizeram uma série de exigências para que a aldeia servisse como locação. Se conseguir a aprovação dos índios, o grupo levará para o Mato Grosso uma equipe de 20 técnicos.

O namoro do Sepultura com as referências tupiniquins não é de causar estranheza. Em seu último álbum, "Chaos A. D.", o grupo já havia usado inserções da batucada afro, estilo Olodum, em uma das músicas.

Sessão rítmica semelhante foi usada na participação do grupo no "VMAs Brasil", no encerramento da festa da MTV.

"Roots" conta com a produção de Ross Robinson e será mixado por Andy Wallace. Os fãs do grupo terão de esperar um pouco para conhecer o trabalho: o disco tem previsão de lançamento para o começo de 96.

Além de Carlinhos Brown, o disco contará também com a participação especial do DJ Lethal, do grupo House of Pain. (RS)



Max Cavallera, líder do Sepultura, que grava o disco 'Roots'

'T'EM CARA-PÁLIDA NA ALDEIA

Banda de heavy metal Sepultura grava música com índios Xavantes em Mato Grosso

Jotabê Medeiros

Rio das Mortes fica a duas horas de voo de Goiânia, a quatro horas de carro da estrada asfaltada mais próxima. Incrustada nesse pedaço da selva mato-grossense fica a aldeia Xavante de Pimentel Barbosa, uma comunidade de 600 índios que viveram uma das mais curiosas experiências de sua existência no início do mês. Durante dois dias, eles hospedaram uma banda de heavy metal, uma das mais cultuadas do planeta, e tocaram, cantaram e nadaram com os cabeludos metaleiros.

Os roqueiros fora à tribo com espírito antropológico-musical. A tribo os recebeu com o costumeiro intuito hospitaleiro. O resultado será uma faixa de dois minutos e meio no novo disco da banda, *Roots*, que terá lançamento mundial em fevereiro de 1996.

A faixa ainda não tem nome. Foi gravada em três turnos. Numa noite de lua cheia, sem uma só fogueira acesa, pintados de preto e vermelho, os garotos do Sepultura, os irmãos Max e Igor, o baixista Paulo Jr. e o guitarrista Andreas Kisser, tocaram com 50 Xavantes o *Ritual para Cura do Mundo*, uma cerimônia de saúde da tribo.

Max Cavallera, vocalista, guitarrista e *bandeader* do grupo, saiu da experiência direto para um avião, que o levou de volta para Phoenix (Estados Unidos), onde vive com a mulher, a americana Glória, e os filhos, Zyon e Igor. De lá, ele concedeu esta entrevista, a primeira depois da experiência na selva.

Como foi lá na aldeia?

Foi uma das mais importantes experiências da minha vida, a sensação de voltar à simplicidade total. Nós gravamos com cerca de 50 Xavantes e a idéia era fazer a coisa da maneira mais rústica possível, não enfeitar muito para não perder a crueza e a simplicidade do som. O Paulo e o Igor tocaram instrumentos de percussão. O Igor tocou um timbau, que o Carlinhos Brown

lhe deu. Eu e o Andreas tocamos violão. As gravações foram feitas em um gravador movido a bateria de oito canais e o controle, em uma mesa de 16 canais, manipulados pelo técnico Evandro Lopes. Nós queríamos que os índios ficassem confortáveis na produção, que a gente não se tornasse um estorvo para eles. Acho que foi muito bom, uma coisa que nunca experimentei antes. Não foi só uma gravação, foi uma experiência de vida. Eles nos receberam e abriram seu território de uma maneira muito generosa. Não rolou distanciamento. Os dois - Sepultura e Xavantes - tinham a mesma preocupação: valorizar a cultura mais antiga e autêntica. Quando vocês ouvirem o som e virem o filme que fizemos, vai dar para ter uma idéia do que foi aquilo.

Mas vocês ensaiaram com eles?

Não. Ficamos no meio das caras, eles cantando, a gente tocando. Ou então a gente ouvia, depois colocava as bases. Fizemos um filme em câmera de vídeo normal e outro em 16 milímetros para montar um clipe ou um documentário para o lançamento do disco.

Como os Xavantes receberam vocês?

Olha, foi tudo incrível. Nós viajamos de Goiânia ao Rio das Mortes num teco-teco minúsculo, parecia um *Karmann Ghia* de tão apertado, todo mundo enfiado lá dentro e voando alto pra caramba. Já começou com um clima meio diferente. Depois, começa a sumir estrada, casa e surge a tundra, a vegetação da região. Quando o avião finalmente desce, os Xavantes já cercam para receber os visitantes. Tudo na aldeia tem certa cerimônia. Todos da tribo cumprimentam um por um dos visitantes, levam a gente ao centro de uma clareira, que os indigenistas chamam de parlamento e começam a se apresentar, primeiro os mais importantes. Pedem que todos nos apresentemos no centro do parlamento, a banda, os *roadies*, minha mulher, todo mundo. Não tem estrela lá, é todo mundo igual. Ficamos dois dias vivendo como os Xavantes, tomando banho de rio, encardidos de poeira, o corpo pintado. Para cada música eles têm uma pin-



Igor Cavallera recebe a ajuda para pintar o corpo e se preparar para o ritual

tura adequada. Nós gravamos no primeiro dia pintados com urucum, uma tinta vermelha, e no segundo dia pintamos a cara de preto e vermelho.

Sempre tiveram essa intenção de gravar com os índios?

Há muito tempo a gente pensa nisso. E desde Arise, quando gravamos na Indonésia, nós temos feito esse tipo de pesquisa sobre culturas mais antigas, nas raízes. Fizemos o clipe de *Territory* no deserto, com barro na cara. A gente tem aberto a cabeça em relação a culturas diferentes. Não fazemos isso com o propósito de encaixar o Sepultura nessa ou naquela tendência ou lançar um modismo. Os Xavantes estão aí a vida toda e nunca ninguém pensou nisso, em fazer esse contato entre duas formas musicais extremas. É uma das coisas mais legais em termos de experiência. O som dos Xavantes tem tudo a ver com o nosso. Não quer dizer que um dia a gente vá sair tocando Bossa Nova, embora tenha gente na banda que goste: o Andreas toca nos ensaios. Tem de ser um som diferente e que tenha a ver. O som dos Xavantes é guerreiro, tem peso. A tra-

dução é a mesma que a do nosso: peso, força, energia.

Os índios vão ter direito a royalties?

Nós abrimos mão dos nossos direitos. É tudo deles. Ficamos tão felizes com o resultado que não quisemos saber de grana. É o valor da coisa toda que nos importa. Convmos cinco minutos sobre grana, muito. Não foi também um lance de doação, mas de direito mesmo.

Os fãs de vocês não estranham essas experiências? No último disco, *Chaos A.D.*, vocês já faz umas misturas. Não choca o público?

Os fãs gostam disso, já sabem. Nunca vão comprar um disco de cultura e dizer: "Pô, é igual ao outro." É importante a coisa da novidade. Mantém o Sepultura como uma coisa nova, estimula a gente a evoluir. Mas acho que nesse disco nós fomos longe demais. É uma viagem mais fascinante que já fizemos. Não quero pensar nem que poderemos fazer no próximo porque está longe o dia de come a pensar nisso. Temos aí uns dois anos pela frente e vamos pensar nesse agora.

Como vão lançar esse disco? Primeiro na Europa, depois no Brasil?

Dessa vez pretendemos fazer um lançamento simultâneo em todos os lugares. Antes mesmo do lançamento, vamos fazer uma série de shows de aquecimento em pequenos locais onde começamos a carreira, na Inglaterra, Alemanha, França. Lugares onde nós já tocamos cinco anos atrás. Queremos começar o disco a mil, apresentando direto para os fãs. Lugares como o *Marquee*, em Londres, onde fizemos um de nossos primeiros shows na Europa, em 1989.

Vocês foram à aldeia com apoio alguma instituição?

Sem o trabalho do pessoal do Núcleo de Cultura Indígena nada disso teria sido possível. Nós os procuramos dissemos e ouvimos o disco que eles gravaram com cânticos da tradição Xavante, *Etenhiriti*, no ano passado. Eles nos acompanharam e deram toda a assistência possível. O técnico de som é o mesmo do disco do primeiro álbum.